

VAELOR – GUARDIÕES DOS JURAMENTOS

PRÓLOGO

“Antes dos reis.

Antes dos impérios.

Antes de Eldar.

Antes que a história recebesse um nome...

Houve um Juramento.”

— Primeiro Fragmento do Códice dos Vaelori

CAPÍTULO I

A NÉVOA

A névoa escondia as montanhas. Não era uma névoa comum: subia lentamente pelos vales, como se a própria terra respirasse enquanto aguardava o nascer do sol.

Os caçadores evitavam aquela floresta nas manhãs em que ela surgia. Os mais velhos diziam que certas névoas não pertenciam ao inverno — pertenciam à memória.

Quando alguma criança perguntava de que era essa memória, os anciãos apenas levavam dois dedos ao peito, faziam o antigo sinal dos Juramentos e mudavam de assunto. Ninguém explicava. Ninguém insistia. Talvez porque algumas perguntas fossem antigas demais para caberem em palavras.

Lyor nunca acreditara naquelas histórias. Até aquela manhã.

As árvores permaneciam imóveis; nem mesmo as folhas ousavam conversar com o vento. A floresta parecia escutar, como se aguardasse alguém ou alguma coisa.

Lyor caminhava sozinho. Conhecia aquelas trilhas desde criança. Sabia onde os cervos bebiam antes do amanhecer, onde os javalis revolviam a terra em busca de raízes e onde os lobos marcavam território quando o inverno se aproximava. A floresta fora sua primeira professora.

Seu pai costumava dizer: — Antes de aprender a caçar, faça uma pausa. Escute. — Escutar o quê? — Lyor sempre perguntava.

O velho nunca respondia imediatamente. Olhava para as árvores, como se esperasse autorização da própria floresta, e só então sorria: — Um dia você vai descobrir.

Durante muitos anos, Lyor acreditara que o pai falava dos animais. Só mais tarde compreenderia: ele falava do silêncio.

Parou junto a um riacho estreito. A água era tão cristalina que parecia desaparecer entre as pedras. Ajoelhou-se, mergulhou as mãos e levou o líquido aos lábios. Foi então que alguma coisa dentro dele recusou aquele silêncio.

Lyor permaneceu imóvel, respirando, escutando. Nenhum pássaro cantava, nenhum inseto zumbia e nenhuma folha se movia. Era como se toda a floresta prendesse a respiração.

Um galho estalou.

Lyor ergueu-se num salto. Quando percebeu, o arco já estava em suas mãos, com uma flecha encaixada e a corda tensionada. Esperou. Nada além do silêncio.

Respirou devagar. Talvez um cervo, um javali, ou apenas sua mente transformando quietude em perigo. Abaixou um pouco o arco. Foi então que viu as pegadas.

Parou e ajoelhou-se. As marcas tinham quase o comprimento de seu antebraço; quatro garras profundas rasgavam a terra escura. Lyor tentou lembrar-se de todos os animais que conhecia: lobo, urso, alce, javali... Nenhum. Nenhum deles deixava rastros como aqueles. Entre uma pegada e outra, a vegetação permanecia vergada, como se algo gigantesco tivesse passado por ali havia poucos instantes.

Lyor pousou a mão sobre uma das marcas. A terra ainda estava úmida. E morna.

Retirou a mão imediatamente e franziu a testa. O frio daquela manhã tornava aquilo impossível. Mesmo assim, o calor permanecia ali, como se a criatura tivesse acabado de passar.

Levantou os olhos na direção da aldeia. Seu primeiro pensamento não foi sobre si, mas sobre os outros: seja lá o que tivesse deixado aquelas marcas, esperava que não estivesse seguindo naquela direção.

As histórias dos anciãos voltaram-lhe à memória: *“Nunca atravesse o Vale das Brumas. Nem toda porta foi feita para ser aberta. Há caminhos que esperam séculos pelo homem certo.”*

Durante toda a vida rira daquelas histórias. Naquele instante, já não ria.

Seguiu o rastro. As pegadas avançavam entre árvores antigas, afastando-se da trilha conhecida. Lyor caminhou devagar; cada novo passo parecia levá-lo para uma parte da floresta que não deveria existir.

Então as árvores se abriram. À frente, entre troncos cobertos de musgo, surgia uma passagem estreita.

Lyor parou. Tinha certeza de que jamais a vira — e isso era impossível. Conhecia aquela floresta desde criança. Sabia onde cada trilha começava e onde terminava; sabia quais caminhos levavam às montanhas e quais conduziam ao rio. Aquela passagem não levava a lugar nenhum porque, até aquela manhã, ela simplesmente não existia.

Olhou para trás. A aldeia desaparecia sob a névoa. À sua frente, o caminho mergulhava num vale que nenhum mapa registrava. Os anciãos diziam que o Vale das Brumas jamais aparecia para quem o procurava — apenas para quem precisava encontrá-lo.

Lyor podia voltar. Era a decisão mais prudente. Sua mãe jamais saberia que estivera ali e seu pai aprovaria a escolha. A criatura podia ser perigosa; o caminho podia não permitir retorno. Tudo nele dizia que deveria partir.

Mesmo assim, permaneceu imóvel. Não era coragem nem simples curiosidade. Era algo que ainda não sabia nomear: uma sensação antiga, como se aquele lugar o reconhecesse. Como se o aguardasse havia muito tempo.

Lyor apertou o arco entre os dedos, respirou fundo e deu um passo. Depois outro.

Naquele instante, escolheu seguir. Sem perceber, acabava de atravessar uma fronteira mais antiga que Eldar, mais antiga que qualquer rei, mais antiga que os impérios e a própria História.

Muito acima das nuvens... algo abriu lentamente os olhos.

O VALE DAS BRUMAS

O caminho desapareceu poucos passos depois. As árvores fecharam-se sobre Lyor como as colunas de um templo esquecido, e a luz da manhã atravessava a copa apenas em finos feixes dourados.

O ar tornara-se mais frio — não o frio do inverno, mas um frio antigo. Era como se aquele lugar jamais tivesse pertencido às estações.

Lyor manteve os olhos no chão. Se aquelas marcas pertenciam a algum animal, precisava descobrir qual. Era isso o que repetia para si, mas, a cada passo, a explicação lógica perdia força. Em alguns pontos, longos sulcos riscavam a terra úmida, como se algo imenso houvesse deslizado sobre o solo. Pela primeira vez desde que deixara a aldeia, permitiu que o pensamento o atravessasse: *Não existem animais assim...*

O vale permaneceu em silêncio, como se não concordasse nem discordasse.

Pouco adiante, encontrou uma pequena ponte de pedra. Cada bloco parecia ter sido talhado por mãos impossivelmente precisas: nenhuma rachadura, nenhum desgaste. Apesar do musgo que cobria suas laterais, permanecia intacta, como se o tempo simplesmente tivesse esquecido aquele lugar.

Lyor passou lentamente a mão sobre a pedra. Era lisa e estranhamente morna, mesmo protegida da luz do sol. Foi então que percebeu o símbolo: um círculo e, no centro, quatro asas abertas voltadas umas para as outras. Nenhuma inscrição, nenhum nome. Apenas aquela gravura.

Abaixou-se, retirou a luva e pousou a mão sobre o desenho. Esperou. Um segundo. Dois. Três. Sorriu de canto.

— Estou ficando igual aos velhos da aldeia...

Levantou-se, atravessou a ponte e respirou fundo. Talvez tudo não passasse de coincidências. Talvez a floresta apenas fosse diferente. Talvez...

A resposta nunca se completou.

O vento mudou. Não veio das montanhas nem percorreu as árvores — desceu, como se o próprio céu respirasse sobre o vale. Antes que pudesse compreender o motivo, os pelos de seus braços se arrepiaram. O coração acelerou; a garganta secou. A mão apertou automaticamente a empunhadura do arco. Ainda não havia visto nada, mas seu corpo já sabia.

Os cervos ergueram a cabeça ao mesmo tempo. Não correram imediatamente: permaneceram imóveis, escutando, até desaparecerem mata adentro numa única direção. Os pássaros abandonaram as copas sem um único canto ou bater de asas ruidoso — apenas partiram. Até a água do riacho pareceu hesitar, formando pequenas ondas contra a corrente, como se o rio inteiro prendesse a respiração.

Lyor permaneceu imóvel, sem conseguir desviar os olhos do céu.

Então a luz desapareceu. Não porque uma nuvem cobrira o sol, mas porque uma sombra atravessava lentamente o vale — grande demais para pertencer a qualquer ave, silenciosa demais para ser uma tempestade.

Lyor ergueu a cabeça. A névoa abriu-se por um breve instante. Nada além de céu. Respirou fundo, ponderando se teria imaginado.

Foi quando, muito acima das montanhas, um brilho dourado cruzou a abertura da névoa. Durou apenas um instante, curto demais para distinguir uma forma clara, mas longo o bastante para que compreendesse que aquilo possuía uma envergadura impossível.

A névoa fechou-se novamente. O brilho desapareceu. O vento cessou. Os animais continuaram escondidos, e o vale mergulhou outra vez no mais absoluto silêncio.

Lyor permaneceu olhando para o alto durante longos instantes. Sentia que acabara de testemunhar algo sagrado, mas não encontrava palavras para explicar o quê. Olhou novamente para a ponte e depois para a própria mão; sem entender por que, a palma ainda conservava um leve calor. Fechou lentamente os dedos e guardou a sensação onde guardamos as coisas que ainda não compreendemos.

A criatura — fosse o que fosse — pudera matá-lo. Não o fez. Esse pensamento chegou sem esforço e, estranhamente, não trouxe medo; trouxe respeito.

Olhou mais uma vez para o símbolo gravado na pedra. Hesitou. Desta vez, não o tocou. Parecia errado, como se aquele lugar não lhe pertencesse — ou como se nunca tivesse pertencido aos homens.

Respirou fundo, virou-se e iniciou o caminho de volta. Depois de poucos passos, parou sem entender o motivo. Olhou uma última vez para trás: nada além de névoa.

Mesmo assim, teve a estranha sensação de que o vale o observava da mesma forma que ele acabara de observá-lo.

Durante todo aquele tempo, não ouvira um único pássaro cantar. Nem antes, nem durante, nem depois. Era como se toda a floresta aguardasse autorização para voltar a respirar.

Continuou caminhando. Sem perceber, deixava o Vale das Brumas diferente do homem que nele entrara.

E, muito acima das nuvens, uma antiga vigília permanecia em silêncio.

O VELHO DA ESTRADA

Quando deixou o Vale das Brumas, a floresta parecia outra. Os pássaros voltaram a cantar e o vento voltou a mover lentamente as copas das árvores. A água do riacho corria tranquila entre as pedras, como se nada de extraordinário tivesse acontecido.

Mas Lyor sabia: alguma coisa mudara. Não na floresta, mas nele. Sem perceber, seus olhos buscavam o céu de tempos em tempos — não porque esperasse ver novamente o brilho dourado, mas porque uma parte dele já não conseguia acreditar que o céu fosse apenas céu.

Nenhuma resposta veio. Continuou caminhando.

Depois de algum tempo, alcançou a velha estrada de terra que levava à aldeia. À sombra de um grande carvalho, um homem remendava pacientemente uma rede de pesca. Os cabelos grisalhos caíam sobre os ombros, e as mãos marcadas pelo tempo moviam-se devagar, com a tranquilidade de quem aprendera que algumas coisas jamais deveriam ser apressadas.

Era Breno, um dos homens mais antigos da aldeia. Falava pouco; escutava muito.

Lyor fez um discreto aceno ao passar. Já estava alguns passos adiante quando ouviu a voz calma do velho: — Encontrou o que procurava?

Lyor sorriu sem diminuir o passo: — Nem sabia o que estava procurando.

Breno sorriu discretamente e, sem levantar a cabeça, respondeu: — Quase ninguém sabe.

A frase fez Lyor diminuir o passo. Não porque tivesse entendido, mas porque sentiu que havia mais nela do que as palavras diziam. Continuou andando, quando ouviu novamente a voz do velho: — Você entrou no Vale das Brumas.

Lyor parou imediatamente e virou-se: — Como o senhor sabe?

Breno apontou para as botas do rapaz. Um fino musgo prateado permanecia preso ao couro. — Esse musgo só cresce lá.

Lyor abaixou os olhos; nem havia percebido. Voltou a encarar o velho: — O senhor já esteve naquele lugar?

Breno soltou um pequeno riso: — Não. — Fez uma breve pausa. — Tive juízo.

Lyor não conseguiu evitar um sorriso. Pela primeira vez desde que saíra do vale, sentiu a tensão aliviar por um instante. Mas logo voltou a perguntar: — Então por que todos têm tanto medo daquele vale?

Breno terminou de apertar um nó na rede antes de responder: — Medo? — Ergueu os olhos pela primeira vez. Não havia ironia nem reprovação, apenas serenidade. — Não, rapaz. Respeito.

A palavra permaneceu suspensa entre os dois, como se o próprio vento tivesse parado para escutá-la. Lyor aguardou. O velho voltou ao trabalho e só depois perguntou: — O que você viu?

Lyor hesitou. Pensou no brilho, na sombra, no silêncio, na ponte e nas pegadas. Nenhuma daquelas imagens parecia suficiente. — Não sei explicar.

Breno apenas assentiu, como se aquela fosse exatamente a resposta que esperava ouvir.

Depois de alguns instantes, Lyor perguntou: — O que existe naquele lugar?

Breno demorou a responder. Passou lentamente a mão sobre a rede, conferiu um dos nós e só então falou, com a voz ainda mais baixa: — Há muito tempo os mais velhos deixaram de responder essa pergunta. — Por quê? — Porque cada homem precisa encontrar sua própria resposta.

Lyor permaneceu em silêncio. Sentia que o velho sabia muito mais do que dizia, mas compreendeu que insistir seria inútil. Fez um pequeno gesto de despedida: — Até mais, Breno. — Vá em paz, rapaz.

Lyor retomou a caminhada. Já estava distante quando ouviu a voz do velho mais uma vez, calma, quase como um pensamento levado pelo vento: — Seu pai também voltou diferente.

Lyor parou imediatamente e virou-se: — O senhor conhecia meu pai?

Breno permaneceu imóvel. Os dedos continuaram passando lentamente pela rede, como se não tivesse ouvido ou como se a resposta já tivesse sido dada muito antes daquela pergunta existir. Depois de alguns instantes, apenas levantou uma das mãos, encerrando a conversa.

Lyor permaneceu imóvel por alguns segundos enquanto o vento voltava a soprar entre os galhos do carvalho. Sem obter resposta, seguiu em direção à aldeia. Agora, porém, carregava uma nova pergunta: seu pai também conhecia o Vale das Brumas?

Breno esperou até que o jovem desaparecesse completamente entre as árvores. Continuou remendando a rede: um nó, depois outro, mais um. Só então interrompeu o trabalho e ergueu lentamente os olhos para o Vale das Brumas.

Um leve sorriso apareceu em seu rosto. Não era alegria, mas reconhecimento — como quem esperara muitos anos por aquele momento. Falou tão baixo que apenas o vento poderia ouvi-lo: — Demorou mais do que eu imaginei...

Permaneceu alguns instantes olhando para a névoa. Depois, levou dois dedos ao peito e fez o antigo sinal dos juramentos. Fechou os olhos por um breve instante.

Quando voltou a abri-los, disse apenas: — Agora... a escolha é dele.

Voltou a costurar a rede, como se nada tivesse acontecido.